

Museu Kuahí

Um espaço de resistência e valorização das culturas indígenas do Oiapoque

Museu Kuahí: a space of resistance and valuation of the indigenous cultures of Oiapoque

Recebido em: 30/10/2024

Aprovado em: 19/05/2025

Fabrício Narciso dos Santos

Tadeu Lopes Machado

[Sobre os autores >>](#)

RESUMO

O Museu Kuahí, inaugurado em 2007 no município de Oiapoque (AP), na fronteira com a Guiana Francesa, é um espaço de resistência e valorização das culturas indígenas locais, especialmente dos povos Karipuna, Galibi Marworno, Palikur e Galibi Kali'na. Este artigo analisa sua criação e seu papel no fortalecimento das identidades indígenas, destacando estratégias para preservar tradições e memórias culturais em meio a transformações sociais. Com base em entrevistas e análise documental, constatou-se que o museu vai além da conservação de artefatos, funcionando como instrumento pedagógico e político, promovendo a transmissão de saberes tradicionais e diálogo intercultural. O Museu Kuahí é essencial na luta por reconhecimento, visibilidade e afirmação identitária, consolidando-se como um território de resistência no extremo norte do Brasil.

Palavras-chave: Museu Kuahí; culturas indígenas; resistência cultural; Oiapoque; Amapá.

ABSTRACT

The Kuahí Museum, inaugurated in 2007 in the municipality of Oiapoque, Amapá, on the border with French Guiana, is a space of resistance and appreciation of local Indigenous cultures, especially those of the Karipuna, Galibi Marworno, Palikur, and Galibi Kali'na peoples. This article analyzes its creation and role in strengthening Indigenous identities, highlighting strategies to preserve traditions and cultural memories amid social transformations. Based on interviews and document analysis, it was found that the museum goes beyond the conservation of artifacts, serving as a pedagogical and political instrument that promotes the transmission of traditional knowledge and intercultural dialogue. The Kuahí Museum is essential in the struggle for recognition, visibility, and identity affirmation, consolidating itself as a territory of resistance in the far north of Brazil.

Keywords: Museu Kuahí; indigenous cultures; cultural resistance; Oiapoque; Amapá.



Introdução

O Museu Kuahí, situado no município de Oiapoque (AP), é um espaço emblemático de preservação, resistência e valorização das culturas indígenas da região, especialmente dos povos Kari-puna, Galibi Marworno, Palikur e Galibi Kali'na. Desde sua criação, o museu tem se consolidado como um ponto de convergência entre as comunidades indígenas e a sociedade em geral, promovendo o reconhecimento e a valorização das expressões culturais, histórias e saberes tradicionais desses povos.

No contexto das políticas públicas de valorização da diversidade cultural brasileira, o Museu Kuahí representa importante conquista do movimento indígena local, tornando-se um instrumento de fortalecimento identitário e de resistência frente aos desafios impostos pela modernidade e pela contínua pressão sobre os territórios indígenas. O espaço tem uma função que vai além da exibição de objetos e documentos históricos: ele materializa as memórias e experiências de um povo que resiste e reexiste, moldando um lugar onde a ancestralidade dialoga com o presente e contribui para a formação de novas gerações.

Ao longo deste artigo, busca-se analisar como o Museu Kuahí atua como um espaço de preservação cultural, resistência e valorização das identidades indígenas do Oiapoque, discutindo sua importância tanto no âmbito local quanto no nacional. A análise será sustentada por entrevistas com lideranças locais, visitas ao espaço e uma revisão bibliográfica sobre museologia indígena e espaços de resistência. Com isso, espera-se contribuir para o debate sobre o papel dos museus indígenas enquanto ferramentas para a conservação da cultura e para o fortalecimento do movimento indígena brasileiro.

A criação de um museu indígena na “Amazônia de dentro” tem um caráter muito significativo. É necessário mencionar que tal criação é fonte de conhecimento e de reflexão sobre os saberes dos povos indígenas dessa região, e este trabalho tem como objetivo registrar parte da história desse museu. Para isso, foi feita pesquisa com fontes orais e documentais, desde quando os povos indígenas do baixo Oiapoque começaram a se movimentar para criar tal instituição, em meados da década de 1990, até seu processo de construção física, iniciado em 2000, como também, posteriormente, sua inauguração em 2007.

Por meio dos registros históricos, serão analisados os objetivos para o qual o museu foi criado, considerando que seu objetivo central era garantir um espaço de conservação e divulgação da cultura dos povos indígenas do Oiapoque e a busca de um diálogo cada vez mais consistente sobre essa temática com a população local.

Além das fontes documentais e orais, esse estudo também se apoia em algumas referências bibliográficas, como Gallois (2006), Vidal (2005, 2009) e Castro e Vidal (2001). Também é importante mencionar que o primeiro autor deste texto é um indígena Karipuna, que também foi servidor do Museu Kuahí desde sua inauguração até 2017, perfazendo 10 anos de serviços prestados à instituição. O que gera, seguramente, muita propriedade e conhecimento sobre o tema.

O Museu Kuahí é um espaço fundamental para a preservação e valorização da cultura indígena na região. A iniciativa de sua criação surgiu em um contexto de resistência cultural e fortalecimento das identidades indígenas locais. Foi impulsionada por lideranças indígenas e movimentos organizados que buscavam formas de documentar e divulgar seus conhecimentos, cosmologias e tradições. O projeto recebeu apoio de instituições como o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), além de colaborações de pesquisadores e ONGs, que ajudaram a consolidar sua estrutura e acervo. A instituição constitui-se como um espaço de salvaguarda e promoção do patrimônio cultural dos povos indígenas da região, assumindo papel central na valorização das memórias, identidades e práticas tradicionais.

Atualmente o acervo do Museu Kuahí conta com um número estimado entre 500 e 1.000 (mil) peças, abrangendo diferentes categorias de materiais, incluindo peças etnográficas, documentos, publicações bibliográficas, materiais audiovisuais e obras de arte contemporânea indígena, além de peças arqueológicas. A gestão técnica do acervo é realizada por meio de sistema de catalogação manual e digital, e o museu encontra-se em processo de implementação de uma reserva técnica padronizada, com o objetivo de assegurar melhores condições de conservação preventiva e preservação das peças sob sua guarda.

O Museu Kuahí se destaca pela sua arquitetura inspirada em elementos indígenas e por ser gerido de forma participativa,

com protagonismo dos povos indígenas locais. O espaço expositivo inclui artefatos tradicionais, como instrumentos de pesca, da produção de farinha, esculturas em madeiras, cerâmicas, dentre outros, além de materiais contemporâneos, representando a continuidade e adaptação das culturas indígenas. As exposições, frequentemente rotativas, abrangem temas desde cosmologia e espiritualidade até os impactos do contato com a sociedade envolvente.

Para os povos indígenas de Oiapoque, o Museu Kuahí é um símbolo de resistência e um espaço educativo que fortalece a identidade cultural das novas gerações. Além disso, ele desempenha um papel fundamental ao servir como ponto de referência para o diálogo intercultural, atraindo visitantes, estudantes e pesquisadores interessados nas tradições e nos desafios enfrentados por esses povos.

O museu promove atividades educativas e culturais, como oficinas de artesanato, palestras e encontros, que incentivam o intercâmbio de saberes entre os povos indígenas e a sociedade não indígena. Assim, além de um espaço de preservação cultural, o Museu Kuahí se firma como local de memória viva e uma ferramenta de empoderamento para os povos indígenas do Amapá. Ele representa a continuidade e a visibilidade das histórias e lutas desses povos, promovendo a valorização das suas identidades e contribuindo para a construção de uma sociedade mais diversa e inclusiva.

As práticas educativas e culturais constituem eixo central de atuação do museu, que realiza oficinas, palestras, visitas guiadas e eventos culturais, ofertados de forma programada e voltados para diferentes públicos, incluindo estudantes indígenas e não indígenas, comunidade local, pesquisadores e turistas. Entre as metodologias mobilizadas, destacam-se rodas de conversa, contação de histórias, palestras e exibição de filmes, práticas que dialogam com referências culturais e oralidade tradicionais dos povos da região. Para apoiar tais ações, o museu produz materiais educativos próprios, fundamentados em perspectivas interculturais e orientados à valorização dos conhecimentos tradicionais indígenas.

Para o aprofundamento da importância do Museu Kuahí para a região, torna-se necessário contextualizar os povos indígenas que habitam esse território, de modo que nos transmita um olhar sobre os sujeitos que asseguram a existência da instituição.

Povos indígenas de Oiapoque

Os povos indígenas do Oiapoque, que somam cerca de 8.088 indivíduos, segundo o censo do IBGE de 2022, vivem distribuídos nas Terras Indígenas Uaçá, Galibi e Juminã, todas demarcadas e homologadas, formando uma área contínua de 518.454 hectares, no município de Oiapoque, extremo norte do estado do Amapá (Gallois; Grupioni, 2009; APIO, 2009).

Esses povos, do ponto de vista sociocultural, apresentam características comuns, mas cada um deles, entretanto, mantém uma identidade própria, construída ao longo de sua história. As terras indígenas se dividem em regiões, tendo como referência os rios que fazem parte da geografia do lugar: os Karipuna, no rio Curipi, os Palikur, no rio Urucauá, os Galibi-Marworno, no rio Uaçá, e os Galibi Kali'na, situam-se no rio Oiapoque. Apesar de esses povos apresentarem alguns traços culturais comuns, no entanto, o que prevalece são suas configurações políticas, cosmológicas, étnicas, históricas, linguísticas e religiosas específicas.

Galibi Kali'na

Os Galibi Kali'na migraram para as margens do rio Oiapoque na década de 1950. De acordo com os estudos de Vidal (2009), vieram da região do rio Mana e viviam na aldeia Kuaxi, no litoral da Guiana Francesa. Na década de 1950 resolveram migrar para o lado brasileiro, e fundaram uma pequena aldeia, que passou a ser chamada São José dos Galibi, atualmente conhecida apenas como Aldeia Galibi.

A respeito da população Galibi Kali'na, Vidal (2009, p. 10) afirma que: “Os mais velhos nunca aceitaram uma educação indígena diferenciada, nem mesmo o ensino bilíngue na escola, mas por causa da língua e de sua trajetória, continuam muito apegados os seus valores e tradições.”

Recentemente a aldeia dos Galibi teve um aumento demográfico significativo, em decorrência da chegada de algumas famílias Karipuna, Galibi-Marworno e Palikur vindas de outras aldeias.

Palikur

O povo indígena Palikur são os primeiros habitantes indígenas de toda essa região (Capiberibe, 2007). Estão localizados nos dois lados da fronteira do Brasil com a Guiana Francesa e sua língua, denominada Parikwaki, pertence à família do tronco linguístico Aruak. Os Palikur se dividem em clãs e, de acordo com os estudos de Batista (2018), cada clã Palikur falava uma língua diferente, entretanto, hoje falam apenas uma.

Embora algumas pesquisas, como a de Silva (2016), escolha definir seu etnônimo “Aukwayene” ou “Palikur-Aukwayene”, entendendo que esse termo faz referência tanto à memória dos antigos sobre a origem do povo Palikur, que são “filhos da cobra Aukwa” (por isso, *yene* = gente; Aukwayene – Gente da cobra Aukwa); quanto à designação geográfica de referência, uma vez que, para se referir aos Palikur que habitam as margens do rio Urucauá (que é denominado na língua como Aukwa), dizem que é Aukwayene (gente que mora às margens do rio Aukwa), e para designar outros parentes Palikur que vivem em outros locais, como na aldeia que se localiza às margens da BR 156, portanto, na mesma Terra Indígena, denominam Iwewkayene (gente que mora na aldeia Iwewka), optamos por continuar utilizando o termo “Palikur” para designar o etnônimo desse povo, mesmo entendendo as implicações de ser um termo dado por não indígenas, mas ao mesmo tempo percebe-se que não há consenso entre eles sobre o etnônimo “aukwayene” para designar todo o seu povo, tanto os que habitam nas aldeias às margens do rio Urucauá quanto os que vivem na BR 156 e os que moram no lado francês (Machado, 2022).

Como dissemos anteriormente, há também uma considerável população Palikur que reside na Guiana Francesa, e sua comunicação é bastante frequente com os parentes que moram nas aldeias do lado brasileiro. A maioria dos Palikur se converteu ao pentecostalismo na década de 1965. Devido ao grande contato que eles têm com a Guiana Francesa, alguns são falantes de francês e de patoá, língua bastante difundida na região (Machado, 2017).

Galibi-Marworno

Os Galibi-Marworno são descendentes de diversos grupos indígenas que se misturaram no decorrer do tempo, dentre os quais Karib, vindo das Guianas, além dos povos Marworno e Aruã, atualmente extintos. São falantes do patoá francês (*kheoul*), adotado devido à perda da língua materna. Apenas os mais velhos recordam somente algumas frases do galibi antigo, que pode ser especialmente notado nos rituais indígenas realizados por esse povo (Tassinari, 2003).

Hoje os Galibi Marworno habitam o rio Uaçá e se concentram desde o tempo do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) na aldeia Kumorumã. Existem outras aldeias Galibi-Marworno ao longo da BR 156, além de habitarem também na Terra Indígena Juminã, na aldeia denominada Uahá.

Karipuna

Sobre a população Karipuna, Vidal (2009, p. 11) afirma que: “É uma população bastante heterogênea levando em consideração o ponto de vista étnico, prevalecendo famílias de origem brasileira provenientes do salgado paraense e ilhas do Amapá ou lugares mais longínquos, que se misturam a uma população local predominantemente indígena.”

Os Karipuna em sua maioria vivem às margens do rio Curipi. Já na década de 1980, foram abertas três novas aldeias menores ao longo da BR 156. Mas atualmente esse número é maior. Também tem aldeia Karipuna nas terras indígenas Galibi e Juminã.

Os Karipuna são falantes do *kheoul*, língua nativa e muito utilizada pelos povos que habitam essa região. Eles também dominam e se expressam muito bem na língua portuguesa. Nas escolas indígenas Karipuna, as crianças são alfabetizadas tanto em *kheoul* como em português. O catolicismo é bastante presente entre esse povo indígena, apesar de uma parte dos habitantes seguir a doutrina evangélica, o que não inviabiliza a prática de rituais de curas xamânicas, e também do ritual do Turé, principalmente em ocasiões tradicionais e em festas cívicas ou eventos culturais (Tassinari, 2003).



Figura 1. Povos indígenas do Oiapoque, ritual do Turé.

Fonte: arquivo do Museu Kuahí, 2008.

O ritual do Turé é um evento unânime para a maioria dos povos indígenas dessa região, embora alguns não realizem o ritual há bastante tempo em suas aldeias, como é o caso do povo Palikur. Cada povo tem sua forma particular de expressar e viver esse ritual, com suas explicações cosmológicas e xamânicas próprias.

Esses povos são considerados por Vidal (2009) grupos indígenas bastante organizados politicamente. Entre suas várias reivindicações aos órgãos governamentais, houve a solicitação de um espaço cultural, como veremos na sequência deste trabalho, reivindicação essa concretizada por meio do Museu Kuahí dos Povos Indígenas do Oiapoque.

O Museu Kuahí e seus significados para os povos indígenas de Oiapoque

O Museu Kuahí é fruto de um constante diálogo das etnias indígenas do Oiapoque entre si, bem como com pesquisadores, autoridades governamentais, além da sociedade civil que compõe o município que faz fronteira com a Guiana Francesa. Os primei-

ros movimentos para sua implementação começaram no início dos anos 1990, nas grandes assembleias periódicas do Movimento Indígena de Oiapoque, realizadas com a presença de lideranças e outros representantes indígenas.

Kuahí é o nome de um pequeno peixe bastante abundante nos rios e lagos das Terras Indígenas de Oiapoque. Seu formato é parecido com um losango, e seu padrão gráfico está muito presente na decoração dos artefatos produzidos pelos povos indígenas do Oiapoque, como também nas pinturas corporais tradicionais.

Segundo Vidal (2002), foi a vontade dos povos indígenas do Oiapoque que fez com que eles comessem a amadurecer a ideia de ter um espaço no município, no qual os Palikur, Galibi Marworno, Karipuna, e Galibi Kali'na, pudessem revitalizar e tornar mais visíveis as suas tradições culturais – conhecimentos, história, tecnologias e expressões artísticas. Outro fator importante, também segundo a autora, é que esses povos queriam participar cada vez mais da vida regional e nacional, estando presentes em nível de igualdade com a sociedade envolvente, ainda que de modo diferenciado.

Além das atividades econômicas, tais como a venda de farinha e produtos agrícolas, a participação na política do município começou a fazer parte da vida das populações indígenas do Oiapoque a partir da década de 1960, quando ocorreu a eleição do primeiro indígena brasileiro que se tornou vereador, Manoel Primo dos Santos, da etnia Karipuna. A partir desse momento, a cidade de Oiapoque teve vários outros vereadores indígenas lutando em prol dos direitos de seus povos na Câmara Municipal. Abria-se uma nova oportunidade de evidenciar a cultura dos povos indígenas, que por muito tempo ficou adormecida em detrimento da cultura não indígena.

Segundo Vidal:

A concepção de um espaço que contemple a dupla função de Museu e Feira, com seus respectivos ambientes e gerenciamento diferenciados é para assegurar a este empreendimento inovador e ousado, uma dinâmica assentada em atividades concretas, simbólicas e práticas, respondendo a uma visão ampla sobre o papel sociocultural e econômico das populações indígenas no município de Oiapoque e no estado do Amapá (Vidal, 2002, p. 1).

Vidal conta que nas últimas décadas houve um importante aumento no número de pesquisas realizadas com as populações indígenas. Segundo a autora, desde 1990, pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP) desenvolvem pesquisas importantes que têm levado os povos indígenas a repensar sua inclusão na sociedade regional e no mundo contemporâneo. Com isso, nota-se que esses povos foram amadurecendo a ideia da criação de um espaço para o registro da memória e dos seus artefatos.

Nesse sentido, Vidal explica:

Dentro de todo esse contexto, surge a demanda por parte dos indígenas de um espaço adequado que possa estar à altura de todos estes avanços, catalogar e congregar estas múltiplas atividades e iniciativas e ao mesmo tempo tornar visível a presença e as contribuições indígenas, mostrar o valor de seus conhecimentos locais, diversidade e riqueza culturais e contribuições econômicas para o município de Oiapoque. Este empreendimento apresenta duas características interessantes e novas. Primeiramente a construção do Museu, acoplado à Feira do Produtor Agrícola Indígena, partiu de um pedido formal, oficial, feito pelas lideranças indígenas ao Governador do Amapá durante uma reunião programática sobre projetos a serem incluídos no Programa de Desenvolvimento Sustentável do Amapá. Um projeto prioritário, entre outros, para os índios. E, em segundo lugar, o Museu não será sobre os índios, mas dos índios (Vidal, 2002, p. 2).

Percebe-se que o Museu Kuahí nasce com a perspectiva de criar um laço identitário com os povos indígenas de Oiapoque. Isso é algo importante para ser ressaltado, uma vez que o propósito para a criação do museu nessa região era o de fazer com que a cultura, os artefatos, as línguas, as identidades indígenas da região ganhassem ampla visibilidade, e, assim, a instituição se tornasse um espaço de orgulho para os povos indígenas locais.

Antes da criação do Museu Kuahí, os pesquisadores (majoritariamente da USP) que trabalhavam com esses povos levavam as coleções etnográficas para os museus em São Paulo. Esse processo de êxodo cultural imposto pela falta de um local adequado para garantir a salvaguarda dos materiais coletados na região tornou ainda mais necessária a criação de um museu em Oiapoque. Desse modo, estava lançada a proposta de um espaço para reunir todo esse acervo, rea-

lizar sua documentação e dar início ao resgate da memória e toda a dinâmica própria dos museus: pesquisa, concepção e montagem de exposições, elaboração de publicações e outras atividades.

Finalizada a etapa inicial de reivindicação dos povos indígenas pela construção do museu e da aceitação pelo governo do estado, Vidal (2002) conta que o primeiro passo para a construção seria a escolha do local. Foi um longo processo de procura. Inicialmente foi escolhido um amplo espaço próximo à atual sede da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) no município de Oiapoque. Comparado com o terreno sobre o qual o Museu Kuahí foi construído, o local inicial teria mais espaço externo, mas o proprietário não aceitou a negociação. A escolha definitiva foi possível por meio de uma permuta entre o governo do estado e a FUNAI, que cedeu seu terreno original para a construção do museu em troca do prédio onde atualmente funciona a fundação. Vidal afirma ter gostado muito, por se tratar de um terreno bem localizado, na região central da cidade, o que proporcionou maior visibilidade ao museu. Situado na principal avenida, hoje ele é um dos prédios mais relevantes de Oiapoque e, do ponto de vista cultural, é o único equipamento do município.



Figura 2. Frente do Museu Kuahí. Fonte: arquivo do Museu Kuahí, 2008.

Na concepção inicial planejava-se a construção de amplos espaços com equipamentos para que os povos indígenas do Oiapoque

que pudessem desenvolver adequadamente todas as suas atividades. Planejaram-se também duas salas para exposições permanentes e temporárias, um hall de entrada, um auditório equipado com aparelho de som e imagem, sala de material de consulta bibliográfica e audiovisual com seus respectivos acervos, sala de pesquisa e projeto, sala de atendimento e processamento documental, sala de consulta e leitura, sala de atividades pedagógicas, uma reserva técnica, além de uma loja na parte superior do prédio para venda de artefatos indígenas.



Figuras 3a, 3b, 3c e 3d. Salas de exposições permanente e temporária.

Fonte: arquivo do Museu Kuahí, 2007.

Os artefatos vendidos no museu são produzidos por artesãos das diversas aldeias das Terras Indígenas Uaçá, Galibi e Juminã e também por outras etnias indígenas que levam seus produtos para serem postos à venda no museu, como os Wajãpi, Apalai, Tiriyo e Kaxuyana. A comercialização do artesanato das etnias do sul do Amapá e norte do Pará em Oiapoque foi possível pelo intercâmbio promovido com a abertura do curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), em 2007, sendo o mesmo ano de inauguração do Museu Kuahí. A partir de então os artesãos desses povos passaram a enviar peças nos meses de rea-

lização das aulas presenciais do curso, eram os momentos em que também ocorriam eventos e reuniões ampliadas no município.

Com relação ao acervo bibliográfico do Museu Kuahí, há diversos materiais de leitura e pesquisa, constantemente utilizado pelas escolas do município e bastante procurado pelos acadêmicos da Licenciatura Intercultural Indígena da UNIFAP.

É importante mencionar ainda que o Kuahí é uma das únicas instituições do município com estrutura para a realização de palestras, cursos, seminários, reuniões, dentre outros eventos, fazendo com que o museu desempenhe um papel importantíssimo na cidade. No decorrer de sua existência, esse espaço já acolheu diversos eventos acadêmicos, científicos, políticos, culturais, referentes às demandas próprias dos povos indígenas da região.

Dentre seus objetivos, Vidal destaca que sua importância consiste em:

[...] integrar através de atividades culturais múltiplas, os povos indígenas da região e a população do município, promovendo o reconhecimento e o respeito à identidade de cada povo e à diversidade cultural, incluindo o desenvolvimento de atitudes ambientalmente corretas para a região como um todo. Sendo Oiapoque uma cidade símbolo para o norte do Brasil e contando com a proximidade da Guiana Francesa, o Museu será, sem dúvida, um polo de atração turística importante, colaborando assim para um sempre melhor relacionamento entre os povos da região e do país vizinho (Vidal, 2002).

O Museu Kuahí tem trazido reconhecimento aos indígenas do Oiapoque por meio da valorização de suas manifestações culturais. O elevado número de turistas da Guiana Francesa que visitam o museu faz dele um importante espaço de movimentação da economia do município. No entanto, ainda é pouco divulgado face a sua importância turística para a cidade de Oiapoque.

Sendo um espaço gerenciado exclusivamente por indígenas, o Museu Kuahí tem conseguido em escala crescente divulgar localmente a cultura dos povos indígenas, fazendo com que a sociedade tenha outra visão e, conseqüentemente, com que o preconceito e os olhares estereotipados projetados sobre os povos indígenas diminuam.

A equipe do Museu Kuahí dos Povos Indígenas do Oiapoque é constituída integralmente por profissionais indígenas, refletindo o compromisso institucional com a autonomia, o protagonismo e a valorização dos saberes tradicionais das populações originárias da região. Atualmente, o quadro funcional é formado por dezoito colaboradores, sendo onze técnicos indígenas responsáveis por atividades de mediação cultural, pesquisa, educação patrimonial e conservação do acervo, além de técnicos administrativos, vigilantes e pessoal de manutenção.

A composição da equipe obedece a um critério de representatividade étnica, no qual cada povo indígena do Oiapoque possui um quantitativo específico de vagas para indicação de seus membros. Esses processos de indicação são conduzidos diretamente pelas associações indígenas representativas, assegurando a legitimidade comunitária dos profissionais selecionados e reforçando a gestão compartilhada e participativa entre Estado e povos indígenas.

Importante salientar que não há servidores efetivos do Estado atuando no museu. Todos os integrantes desempenham suas funções por meio de contratos temporários e/ou cargos comissionados. Tal condição revela uma fragilidade estrutural na política pública para a gestão museológica indígena, considerando que a inexistência de vínculos permanentes limita a continuidade das ações institucionais, o planejamento de longo prazo e a estabilidade profissional da equipe.

No que concerne à formação, os profissionais encontram-se majoritariamente em processo de qualificação acadêmica ou técnica, demonstrando investimento contínuo na profissionalização da gestão cultural indígena. Além disso, o Museu Kuahí promove ações regulares de formação continuada, incluindo oficinas de curadoria, conservação e práticas museológicas, com o intuito de fortalecer as capacidades internas e consolidar uma atuação técnica alinhada aos princípios da museologia social e à preservação do patrimônio cultural indígena.

Esse modelo de composição e qualificação da equipe evidencia a importância das políticas públicas voltadas ao reconhecimento das instituições indígenas de memória e cultura, bem como

a necessidade de mecanismos legais que garantam estabilidade, formação continuada e valorização profissional dos trabalhadores indígenas do campo museal.

Uma das características centrais do museu é a recorrente procura por parte das escolas do município e mesmo das escolas de Saint Georges, na Guiana Francesa, assim como de turistas que visitam Oiapoque.



Figuras 4a e 4b. Visitantes franceses e estudantes brasileiros.

Fonte: arquivo do Museu Kuahí, 2007.

Para Vidal (2002), a criação desse museu foi instigante e desafiadora. A autora afirma que o Museu Kuahí foi uma iniciativa inovadora para a valorização da cultura e estímulo da criatividade de produção artesanal dos povos indígenas da região do baixo Oiapoque, ao mesmo tempo em que se tornou um centro de pesquisa, documentação e memória.

Espaço de memória e divulgação da cultura indígena

O Museu Kuahí foi inaugurado em 19 de abril de 2007, com uma grande festa tradicional dos povos indígenas do Oiapoque, o Turé. O evento contou com a presença de autoridades políticas de nível federal, estadual e municipal.



Figuras 5a e 5b. Dança do Turé apresentada na cerimônia de inauguração.

Fonte: arquivo Museu Kuahí, 2007.



Figuras 6a e 6b. Autoridades municipais e estaduais na cerimônia de inauguração. Fonte: arquivo do Museu Kuahí, 2007.

No começo dos anos 1990, quando os povos indígenas do Oiapoque amadureceram a ideia de ter um espaço onde fosse possível expandir e ao mesmo tempo se apossar dos conhecimentos produzidos por eles e sobre eles, a finalidade, segundo Castro e Vidal (2001), era buscar soluções para os problemas que as comunidades indígenas vinham enfrentando nas áreas de educação, saúde, política indígena, meio ambiente e cultura.

A interpretação das comunidades indígenas e dos pesquisadores sobre a necessidade desse espaço traduziu-se na ideia de se construir uma casa de cultura ou um museu. De acordo com as informações de Castro e Vidal (2001), inicialmente foram coloca-

das as duas possibilidades, mas os povos indígenas optaram por um museu. Talvez por causa da beleza da palavra, mas também pela localização, fronteira com Guiana Francesa, o que possibilitaria uma difusão mais ampla da cultura indígena entre brasileiros e estrangeiros. Mas o fator decisivo para essa escolha foi o conceito contemporâneo da palavra “museu”, que pareceu ser mais adequado. Museu é um espaço de múltiplas atividades, destinado ao estudo, pesquisa, registro, documentação, reunião, palestras e exposição de obras de arte, de peças e coleções científicas, ou de objetos antigos etc.

Para os povos indígenas, é muito importante que a sociedade oiapoqueense e seus vizinhos também conheçam a rica diversidade cultural indígena existente na região. Esse conhecimento é difundido por meio do intercâmbio entre os povos indígenas e as escolas municipais, estaduais, turistas nacionais e estrangeiros e outros setores da sociedade envolvente. O Museu Kuahí se tornou um mediador criativo na construção desse intercâmbio, pois é uma instituição que tem legitimidade política e cultural para conduzir esse processo.

De acordo com o indígena Galibi Kali’na Odair José (Jeanjacque, 2012), o Museu Kuahí é onde está exposta e preservada a cultura dos povos indígenas de Oiapoque. O museu também é um espaço que os representa dentro da cidade, por meio de suas manifestações culturais, modo de vida, modo de relacionar-se com os outros povos e a sociedade envolvente, modo de produzir os artefatos e outras coisas. Diz ainda que o museu é importante porque é onde também estão guardados muitos registros documentais que poderiam se perder com o tempo se ele não existisse, aos quais as futuras gerações poderão ter acesso.

Sobre a importância do museu, Vidal afirma que:

O importante do Museu é que ele está perto das aldeias e tudo está aqui, o dia que você esquecer alguma coisa você tem o Museu para se inspirar, não será preciso procurar em Museus em São Paulo, porque tudo está aqui perto de vocês, por isso a importância do Museu Kuahí para os povos indígenas do Oiapoque; então o objetivo do Museu é ter tudo isso aqui junto e perto das aldeias, você está na aldeia, mas quer ler um livro? O Museu está aqui

com tudo registrado e documentado. É importante também repassar para os alunos que hoje não fazemos mais isso, mas tudo está documentado no Museu Kuahí, então o papel do Museu com as aldeias é imenso, todo esse Museu foi construído a partir dos projetos realizados nas aldeias. Também a importância do Museu é enquanto memória, porque ele resgata muita coisa e fica lá guardado. A relação desse Museu com as aldeias é muito forte, na questão do resgate e da valorização cultural, ou seja, o Museu Kuahí tem sua base nas aldeias, todo o trabalho do Museu é realizado nas aldeias indígenas desde a sua criação. Falar que não tem relação entre as aldeias e o Museu Kuahí é completamente errado. Que o Museu tem que estar perto das aldeias, não tenha dúvida nenhuma (Vidal, 2002).

Em entrevista concedida em 2011, o indígena Karipuna Luiz Wallac Oliveira dos Santos, 39 anos, que participou de algumas reuniões sobre a criação do Museu Kuahí, faz algumas considerações sobre o processo de construção do museu:

Até onde eu lembro, a primeira discussão que teve sobre esse Museu foi numa assembleia que houve na aldeia Ariramba em 1997, aliás, eu creio que já se vinha discutindo essa questão do Museu em anos anteriores, mas foi nessa assembleia que a professora Lux Vidal e Artionka Capiberibe trouxeram o projeto escrito do museu para apresentar para os caciques, pois até então só se tinha ele em ideias. Aí Lux com o pessoal dela sistematizou essas ideias, conforme as reivindicações dos povos indígenas do Oiapoque. Após a apresentação do projeto, os caciques concordaram com todas as suas colocações, daí começou-se a alimentar a ideia da criação do museu. Agora eu vejo assim: depois que começou a construir o museu, em 2000, o governador João Alberto Capiberibe estava com todo aquele fôlego e força de construir, de mostrar mesmo a questão cultural indígena do Oiapoque, mas ele saiu, então entraram outros governantes que não tiveram o mesmo desempenho do governo anterior, aquele respeito pela questão indígena, concluíram a construção do museu, sim, mas não no mesmo ritmo que estava no governo Capi, depois inauguraram da forma deles. Também foi o período que se afastou a professora Lux junto com seus técnicos, ela deu apoio sim, mas não foi como era antes, no governo Capi. Agora sabe o que eu observo com relação a isso até hoje? Que houve toda uma questão política que acabou atrapalhando de fato o principal objetivo do museu. Têm algumas exposições, mas que já estavam planejadas desde a época da professora Lux. Eu vejo uma má questão política mesmo, que caiu sobre o museu nesse governo da inauguração. Atualmente eu observo que o museu consegue cumprir em parte o objetivo de sua construção, porque precisa

de mais valorização por partes das comunidades indígenas, dos moradores da cidade de Oiapoque, estar sempre mudando as exposições. Eu noto que as comunidades indígenas estão muito distantes do museu, e isso não pode acontecer, porque o museu foi criado para divulgar, revitalizar, difundir a cultura dos povos indígenas do Oiapoque e não distanciar, e as aldeias só vêm ao museu para participar do Dia do Índio. Fora isso, nem visitar o museu eles visitam. Falta mais desenvolvimento mesmo, discutir em assembleia o que pode melhorar para que o Museu Kuahí seja de fato esse meio de divulgação que todos nós esperamos (Santos, 2011).

Esse depoimento de Luiz Wallac transmite uma noção de como o museu passou a ser tratado pelos sucessivos governantes, e como a relação estabelecida com as comunidades indígenas da região passou também a ser desempenhada nos anos posteriores à sua inauguração. A presença indígena no museu, não apenas com exposição de seus artefatos, é central para dar vida a esse espaço. Entretanto, ainda há pouco esclarecimento dentro das comunidades indígenas sobre o papel do museu e quais seus objetivos concretos, conforme reforça a fala de Wallac.

Entretanto, mesmo com esse possível distanciamento que ainda existe entre o museu e as comunidades indígenas, é importante destacar que sua presença na cidade contribuiu para um novo olhar perante a realidade indígena da região, já que por muito tempo a cultura dos povos indígenas do Oiapoque ficou adormecida em decorrência da opressão da cultura não indígena. Hoje, entretanto, existe o Museu Kuahí, criado com o papel fundamental de promover a valorização da cultura dos povos indígenas de Oiapoque, assim como a preservação e divulgação de seu vasto e belo patrimônio cultural material e imaterial.

Dessa forma, compreendemos que o museu é uma casa de criação onde se preserva a memória de um povo, de uma cidade, de um país, de uma pessoa. É um lugar de histórias interessantes que nos fazem refletir sobre o tempo. Mas, apesar de contar histórias que já aconteceram e que ficam guardadas na memória dos mais velhos, ou são repassadas de geração para geração, o museu é também um lugar para pensarmos o presente, refletirmos sobre o nosso tempo, e, por que não, sobre o futuro (Vidal, 2008).

No Museu Kuahí está guardada uma rica história representada tanto na memória material como imaterial. Seu acervo é representativo dos quatro povos indígenas da região e tem um caráter educativo muito relevante para todos que precisam conhecer a história e a memória dos povos que habitam essa região, além da necessidade de preservar esses materiais para que também as gerações futuras possam usufruir desse patrimônio.

Observando o conceito de Vidal (2008) sobre museu, podemos notar que em todo o mundo existem vários museus e eles recebem diferentes nomes, que variam em função do tipo de coleção que eles têm. Existem os museus históricos, os museus de ciências, os museus de arte, os ecomuseus, as cidades-museus, e como o museu não deixa de acompanhar a mudança dos tempos, há também os museus virtuais.

Segundo Oliveira:

O museu é, entre outros aspectos, um espaço legitimador de ideias, materializadas através de objetos – testemunhos (tangíveis e intangíveis), objetos esses que podem ser herdados ou construídos na dinâmica da vida cotidiana. É um espaço onde se estabelecem relações pessoais e sociais díspares, mediações, conflitos, interdiscursos lúdicos, educativos, histórico-culturais, científicos e estéticos (Oliveira, 2007, p. 80).

O museu também é uma espécie de campo político onde existem diversos discursos, cada qual com seu próprio significado histórico, o que evidencia a importância dos museus para a sociedade contemporânea. Deve-se ainda considerar que, em se tratando do campo da museologia, também se aplica a noção de que a cultura não é intacta, mas, sim, dinâmica, sempre sofrendo transformações no decorrer do tempo.

Segundo Gallois (2006), o patrimônio cultural que é refletido nos objetos materiais e culturais se baseia em aquisições imateriais, na mitologia, nas crenças, nas lendas, nos cantos, nos rituais, nos conhecimentos de produção de determinado objeto, entre outros. Nesse sentido, a cultura imaterial é a base do patrimônio material, ou seja, tudo está ligado, fazendo relação uma com a outra.

O patrimônio imaterial é um conhecimento transmitido de várias maneiras, como por meio de conhecimentos que uma pessoa tem sobre determinada coisa, práticas que aprendeu ao longo da vida e por meio de representações e expressões.

É nesse sentido que o Museu Kuahí é um espaço cultural significativo na vida dos povos indígenas do Oiapoque e da comunidade em geral, tendo em vista que todos os artefatos têm relação direta com a história dos povos e do lugar, mas também da vida cotidiana. Tanto que os objetos expostos no museu também são utilizados no dia a dia das comunidades indígenas, e uma das exposições inaugurais do Museu Kuahí chamava-se *Caminho do cotidiano*, que mostrava as canoas e as cuias, segundo a concepção de mundos diferentes vividos pelas mulheres e pelos homens indígenas da região do Oiapoque.

No texto “Museu dos Povos Indígenas do Oiapoque – Kuahí”, Vidal afirma:

É sabido que hoje inúmeros estudos e pesquisas são realizados entre os povos indígenas que, no entanto, não recebem devolutiva alguma quando de sua conclusão. Atualmente, a documentação e o acúmulo dos saberes sobre as comunidades indígenas do Oiapoque ganharam tal vulto que seria impossível preservar este material nas aldeias em que são realizados os trabalhos. Desse modo, tornou-se necessária a criação de uma instituição adequada à preservação destes objetos e documentos, assim como à divulgação dos mesmos segundo o desejo dos índios. A cultura material e imaterial dos povos indígenas do Oiapoque – assim como a de tantos outros – encontra-se preservada em museus de arqueologia e etnologia situados nas cidades de São Paulo, Brasília, Belém, Rio de Janeiro e outros locais de difícil acesso aos seus produtores (Vidal, 2005, p. 2).

A criação de um museu em Oiapoque favoreceu, então, a coleção da cultura indígena próxima dos povos indígenas, próxima de sua origem. Isso é importante porque impacta diretamente na forma como se considera a utilidade de um museu, como se transmite conhecimento de um lugar, como se forma e se caracteriza a memória coletiva de um ambiente cheio de muitos saberes e história.

Apesar dos avanços, o Museu Kuahí enfrenta desafios estruturais e institucionais relevantes, como a ausência de orçamento

fixo para manutenção e continuidade das ações, a necessidade de modernização dos espaços museológicos, de aprimoramento dos sistemas de catalogação e digitalização e o fortalecimento de protocolos de segurança patrimonial para mitigação de riscos ambientais e incidentes, incluindo condições climáticas extremas e incêndios.

Entre as perspectivas futuras, destaca-se o aprimoramento da catalogação das coleções por meio da plataforma Tainacan, a ampliação das ações de conservação e o fortalecimento das atividades educativas, com ênfase na promoção de oficinas, exposições temáticas e ações culturais que reforcem a diversidade e a riqueza das culturas indígenas, consolidando o museu como espaço permanente de diálogo, formação e intercâmbio de saberes tradicionais e contemporâneos.

Considerações finais

Inaugurado como um símbolo da resistência e valorização da cultura indígena, o Museu Kuahí surgiu como resposta à necessidade de preservar e comunicar a riqueza cultural dos povos indígenas do Oiapoque. O museu cumpre um papel não apenas educativo, mas também como espaço de resistência cultural, onde as comunidades locais podem ver representados e perpetuados seus saberes, modos de vida e cosmologias.

O Museu Kuahí, representa um espaço fundamental para a preservação e divulgação das culturas e histórias dos povos indígenas da região. Fechado ao público desde setembro de 2014, o museu vivenciou uma longa reforma que perdurou 11 anos, o que gerou expectativas sobre o impacto de sua reinauguração tanto para as comunidades indígenas quanto para o público em geral.

A reabertura do Museu Kuahí ocorreu em 19 de julho de 2025, e foi amplamente aguardada como uma oportunidade de revitalização cultural e comunitária para os povos indígenas do Oiapoque. Para as lideranças e educadores, o museu representa um local essencial de fortalecimento da identidade cultural indígena e da história coletiva das comunidades. Ademais, as expectativas não se restringem apenas ao aspecto cultural. A reabertura do museu

trouxe também a possibilidade de fortalecimento econômico para a região, visto que o turismo cultural e educacional tem potencial para atrair visitantes e pesquisadores, ampliando o interesse pelo Oiapoque e pela história de seus povos originários.



Figura 7. Fachada do Museu Kuahí após a reinauguração.

Fonte: Ana Manoela Primo dos Santos Soares, Karipuna, 2025.

A reinauguração do Museu Kuahí não representa apenas a reabertura de um espaço físico, mas a recuperação de um importante símbolo de resistência e preservação cultural. Esse evento, tão esperado pelas comunidades indígenas e pela sociedade ama-pense em geral, destaca-se como uma possibilidade de resgate e fortalecimento da memória coletiva dos povos indígenas do Oiapoque. A reinauguração trouxe também novas possibilidades para que as novas gerações possam se apropriar do espaço como um local de encontro, educação e celebração de suas culturas e histórias.

Este texto procurou mostrar o processo de concepção e concretização do Museu Kuahí dos Povos Indígenas do Oiapoque e analisar de que forma o museu tem garantido a visibilidade cultural para os povos indígenas do Oiapoque.

A criação do museu foi uma grande conquista dos povos indígenas locais, pois é muito importante para a divulgação, valoriza-

ção e reconhecimento de sua cultura por parte da sociedade envolvente. Ele também é um espaço de preservação da memória, por meio da conservação de documentos e artefatos que contam parte da vida e da história dos povos indígenas do Oiapoque. É importante ressaltar que muitos artefatos expostos são usados diariamente nas aldeias, não são objetos em desuso, fazendo também do museu um espaço de registro da vida cotidiana.

Entretanto, mesmo reconhecendo e comprovando a importância desse espaço para a vida e a dinâmica social do município de Oiapoque, o museu tem enfrentado inúmeras crises e desafios para se manter atuante. Um dos primeiros desafios é a falta de recursos próprios para a sua efetivação, para executar os projetos, para criar um espaço mais criativo de educação museal no município e expandir cada vez mais os conhecimentos dos povos indígenas da região.

No entanto, os povos indígenas da região mantêm firme o propósito de continuar apostando na iniciativa de ter um espaço de divulgação de sua cultura e de sua identidade. Esse é o desejo expresso desde os anos 1990 nas assembleias gerais dos povos indígenas da região, e é atualizado também nas assembleias que acontecem a cada ano na região.

Portanto, o museu, criado no meio da selva amazônica, em um município na fronteira do Brasil com a Guiana Francesa, que tem como objetivo retratar a vida, os costumes, a cultura e os saberes dos povos indígenas dessa região, é uma conquista importante para difundir, respeitar, valorizar e reafirmar a importância dos povos originários nessa região do Brasil.

Referências

- APIO (Associação dos Povos Indígenas do Oiapoque). *Plano de vida dos índios e organizações indígenas do Oiapoque*. Textos de Lux Boelitz Vidal, Lorenda Raiol e Carlos A. Fernandes. Oiapoque: Apio, 2009.
- BATISTA, Ailton. *Origens dos clãs Palikur-Arukwayene*. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Intercultural Indígena) – Universidade Federal do Amapá, Oiapoque, 2018.
- CAPIBERIBE, Artionka. *Batismo de fogo: os Palikur e o cristianismo*. São Paulo: Annablume: Fapesp: Nuti, 2007.
- CASTRO, Esther; VIDAL, Lux B. O Museu dos Povos Indígenas do Oiapoque: um lugar de produção, conservação e divulgação da cultura. In: SILVA, Aracy Lopes; FERREIRA, Mariana Kawall Leal (org.). *Práticas pedagógicas nas escolas indígenas*. São Paulo: Global, 2001. p. 269-289.
- GALLOIS, Dominique Tilkin (org.). *Patrimônio cultural imaterial e povos indígenas: exemplos no Amapá e Norte do Pará*. São Paulo: Iepé, 2006.
- GALLOIS, Dominique Tilkin; DENISE Fajardo Grupioni. *Povos indígenas no Amapá e norte do Pará*. São Paulo: Instituto de Pesquisa e Formação em Educação Indígena: Museu do Índio: Núcleo de História e do Indigenismo da Universidade de São Paulo, 2009.
- JEANJACQUE, Odair José dos Santos, indígena Galibi Kalin'a. Aldeia São José dos Galibi, 20 anos. *Odair José dos Santos Jeanjacque*: depoimento [2012]. Oiapoque, 2012. Entrevista concedida a Fabrício dos Santos.
- MACHADO, Tadeu Lopes. *Na cidade vendo a farinha e de lá trago mercadoria e dinheiro para aldeia*: redes de sociabilidades e intercâmbio de bens dos indígenas Palikur na cidade de Oiapoque-AP. 2017. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.
- MACHADO, Tadeu Lopes. *A escola reivindicada*: educação escolar no contexto do povo indígena Palikur. 2022. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2022.
- OLIVEIRA, João Batista Gomes. *Museu de arte e museologia*: interfaces. 2007. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
- SANTOS, Luiz Wallac Oliveira, indígena Kari-puna. Aldeia Santa Izabel, 39 anos, diretor de marketing da Prefeitura Municipal de Oiapoque. *Luiz Wallac Oliveira Santos*: depoimento [2011]. Oiapoque, 2011. Entrevista concedida a Fabrício dos Santos.
- SILVA, Elissandra Barros da. *A língua Parikwaki (Palikur, arawak)*: situação sociolinguística, fonética e fonologia. 2016. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. *No bom da festa*: o processo de construção cultural das famílias Karipuna do Amapá. São Paulo: Edusp, 2003.
- VIDAL, Lux Boelitz. Antropóloga e professora da Universidade de São Paulo. *Lux Boelitz Vidal*: depoimento [2002]. Oiapoque, 2002. Entrevista concedida a Fabrício dos Santos.

VIDAL, Lux Boelitz. *O Museu dos Povos Indígenas do Oiapoque – Kuahí*. 2005. Disponível em: www.institutoiepe.org.br. Acesso em: 1 dez. 2025.

VIDAL, Lux Boelitz. O Museu dos Povos Indígenas do Oiapoque – Kuahí Gestão do Patrimônio Cultural pelos Povos Indígenas do Oiapoque Amapá. *Museus, Identidades e Patrimônio Cultural – Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, supl. 7, p. 109-115, 2008.

Este trabalho utiliza alguns dados bibliográficos, entrevistas, depoimentos e imagens referentes ao Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura Intercultural Indígena do primeiro autor.

Fabrício Narciso dos Santos | Indígena do povo Karipuna do município de Oiapoque (AP). Mestrando em Educação pela Universidade Federal do Amapá (PPGED/UNIFAP). Especialista em Ensino de Filosofia (UNIFAP). Graduado nos Cursos de Licenciatura em História e Intercultural Indígena, ambas também pela UNIFAP. Atuou durante 4 anos como professor de filosofia e história no ensino médio, na Escola Indígena Estadual Manoel Primo dos Santos, situada na aldeia Santa Izabel, Terra Indígena Uaçá. Atualmente é indigenista da FUNAI, lotado na Coordenação Regional Centro Leste do Pará, na cidade de Altamira (PA). E-mail: fabriciokaripuna@gmail.com | Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-6429-9091>.

Tadeu Lopes Machado | Professor adjunto da Universidade Federal do Amapá, vinculado ao Curso de Licenciatura Intercultural Indígena (CLII/UNIFAP) e professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UNIFAP). Mestre e doutor em Antropologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: tadeu@unifap.br | Orcid : <https://orcid.org/0000-0001-8698-890X>.

[<< Voltar ao início](#)